

Possíveis aproximações entre a Semiótica da Cultura e o pós-estruturalismo francês¹

Arthur Walber Viana²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo

O artigo objetiva traçar aproximações entre os postulados da Semiótica da Cultura – em específico de seu principal autor, Iuri Lotman – e do pós-estruturalismo francês, especialmente Deleuze e Guattari. Parte-se da percepção de que há temáticas de fundo similares entre os autores, que foram contemporâneos, o que permite confrontar suas elaborações, complexificando conceitos desenvolvidos por ambas as escolas. A partir de uma leitura particular da semiótica sistêmica lotmaniana, permitimo-nos relacioná-la à filosofia da diferença e da multiplicidade, aproximando as noções de rizoma, intensidade, modelização, fronteira, agenciamento, semiosfera, máquina e texto.

Palavra-chave: Semiótica da Cultura; pós-estruturalismo; Iuri Lotman; Escola de Tartu-Moscou; Deleuze e Guattari.

Kull e Maran (2022, p.468, tradução nossa) expressam a questão que nos move: “[...] As posições de Lotman mudam gradualmente do estruturalismo para uma semiótica mais aberta, pós-estruturalista e organicista”. O que significam tais mudanças, onde elas se revelam? Por um lado, sabe-se que o diálogo entre Lotman e os autores do pós-estruturalismo foi curto; por outro, é perceptível a aproximação de temas de fundo e preocupações. Estas afinidades possíveis que queremos explorar aqui. Sabemos não ser os primeiros a avançar por esta trilha: Kristeva (2007), Kull (2015), Monticelli (2022) e Zenkin (2022) já discutiram os gestos de Lotman rumo a um “além-do-estruturalismo” e tracejaram similaridades entre a Escola de Tartu-Moscou (ETM) e os pós-estruturalistas franceses. Aqui, nos ocuparemos em ser mais explícitos, associando temas e conceitos trabalhados por Lotman e por Deleuze e Guattari.

O ponto principal que une as perspectivas, parece-nos, é uma discussão sobre *multiplicidade*. Ao abordar a produção de sentido como a relação entre diferentes sistemas de signos, a ETM estabelece a diversidade como o ponto de partida. Nenhuma cultura existe em isolamento: elas estão sempre em relação umas com as outras.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). E-mail: arthurwalber@gmail.com.

Parte-se sempre de mais que um ou, melhor posto, *um é sempre mais que um*, já que a unidade será uma concertação de multiplicidades. E é, também, *menos que um*, no sentido deleuze-guattariano de não-completude de uma identidade essencial. O múltiplo antecede o delineamento da unidade, que é sempre aberta e atualizável – Deleuze e Guattari (2011) denominarão este procedimento de n-1.

Outras aproximações nos parecem ainda válidas: por exemplo, entre a geofilosofia deleuze-guattariana e a noção de (eco)semiosfera (Maran, 2021), que apontam para as influências territoriais nos processos de formação de sentido, a relação entre materialidade e signicidade e a maneira com que uma coproduz a outra. Há, ainda, uma lógica simbiótica explícita no pensamento maquínico e sistêmico-textual, em que uma unidade/identidade é formada por relações de afinidade entre multiplicidades. Tratam-se de agenciamentos efetivados entre diferenças, comunicação tensa produzida nos gestos de tradução e modelização entre o que é “próprio” e “alheio”.

Pois, enfim, haverá *um* Lotman pós-estruturalista? O “sim” reto e direto, sabemos, pode levar a caminhos perigosos: como justificar a aproximação entre autores contemporâneos que pouco dialogaram? A prudência é aconselhável. Porém, a simples negativa parece igualmente problemática. Ao responder apenas que “não”, que eles não se leram suficientemente, que não conversaram, negamos inclusive esses elos posteriores e qualquer explosão que possa daí surgir, inviabilizando novos estratos de entendimento sobre esses nomes, de autores e de conceitos; novas linhas de apreensão de suas propostas; atualizações de seus significados e potências.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1

KULL, Kalevi. A semiotic theory of life: Lotman's principles of the universe of the mind. **Green Letters: studies in ecocriticism**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 255–266, 2015.

KULL, Kalevi; MARAN, Timo. Juri Lotman and life sciences. In: TAMM, Marek; TOROP, Peeter (ed.). **The companion to Juri Lotman: a semiotic theory of culture**. London, UK: Bloomsbury, 2022.

KRISTEVA, Julia. Acerca de Iuri Lotman. **Entretextos: Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura**, v.10, 2007.

MARAN, Timo. The Ecosemiosphere is a grounded semiosphere: a Lotmanian conceptualization of cultural-ecological systems. **Biosemiotics**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 519–530, 2021.

MONTICELLI, Daniele. Lotman and deconstructionism. *In*: TAMM, Marek; TOROP, Peeter (ed.). **The companion to Juri Lotman: a semiotic theory of culture**. London, UK: Bloomsbury, 2022.

ZENKIN, Sergey. Lotman and French Theory. *In*: TAMM, Marek; TOROP, Peeter (ed.). **The companion to Juri Lotman: a semiotic theory of culture**. London, UK: Bloomsbury, 2022.